

O Diretório Acadêmico e a luta política

João Enrique Perez Diaz

Graduando em Ciências Econômicas – UFMG

O Diretório Acadêmico, conhecido popularmente como D.A, aparenta, à primeira vista, ser apenas um espaço físico, um local onde os alunos vão para conversar, jogar sinuca, jogar pingue-pongue, descansar, enfim, um espaço físico de recreação para os discentes. No entanto, o D.A, além de ser um espaço para a recreação, é um espaço de luta política, de cultura, é a expressão da luta dos estudantes pelos seus direitos. Esse ponto pode parecer óbvio ao se considerar a história da Faculdade de Ciências Econômicas, ao longo desta, o D.A foi um agente político fundamental para a construção da faculdade. Entretanto, com a ascensão do neoliberalismo nos últimos 30 anos, as lutas sociais perderam força, esvaziaram-se, inclusive o movimento estudantil, sendo a consequência desse processo a falsa percepção de que o D.A é uma instituição vazia de sentido político, uma instituição neutra, que tem como responsabilidade apenas manter a integridade física de seu espaço e lidar com questões administrativas envolvendo os discentes. Posto isso, o presente ensaio busca reconstituir a história da FACE, procurando evidenciar a importância histórica da luta política do D.A.

Nesse sentido, o ponto de partida é 1930, desde esse ano, o Brasil atravessou um processo de transformação de seu tecido econômico, cultural, social e político. O país se industrializou, se modernizou e se urbanizou, como mostra De Paula:

“Desde 1930, o Brasil vem conhecendo importantes transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e institucionais. O país industrializou-se, modernizou-se, urbanizou-se. Essas transformações refletiram a emergência de uma nova configuração de relações sócio-materiais que impactou o conjunto da vida nacional, exigindo novas políticas públicas, novas instituições, novos meios de apreensão e intervenção sobre essa realidade em permanente mutação.”(De Paula, 2016, p.70)

É nesse contexto de mudanças que emerge a necessidade da ampliação do ensino superior no Brasil, à medida que a economia vai se tornando mais complexa, mais complexa é também divisão do trabalho, exigindo, assim, cada vez mais a formação de profissionais capacitados para atuar, tanto na esfera pública, devido à burocratização do aparato estatal e à necessidade de planejamento, tanto na privada, devido à sofisticação do processo produtivo. Inserida nesse contexto é criada a Faculdade de Ciências Econômicas em 1941, reorganizada em 1945,

incorporada à UFMG em 1948 e federalizada em 1949, constituindo, dessa forma, parte do processo de modernização pelo qual passava o país.

A Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG foi criada em 20 de dezembro de 1941, com o nome de Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Finanças. A primeira turma da faculdade iniciou suas atividades em 1942, em um prédio na Rua da Bahia, n. 1155. No ano de 1943, as atividades são transferidas para a Rua Guajajaras, n. 496, em um prédio onde antes funcionava uma pensão, ficando nele até 1948, quando se transferiu para o Edifício Pirapetinga, à Rua Curitiba, n. 656. Durante suas fase inicial, de 1941 a 1945, o curso ainda era muito ligado aos negócios na prática, isso fica evidente ao se observar a grade curricular do período, pois a maior parte das disciplinas são ligas a contabilidade, direito e administração, tendo apenas uma disciplina de teoria econômica, Economia política, mostrando que as Ciências econômicas no Brasil ainda não haviam se autonomizado do campo comercial, nas palavras de de Paula:

“O exame desse currículo evidencia uma ênfase nas disciplinas de direito, sobretudo as referentes ao direito internacional, e a pequena presença do ensino de teoria econômica, que só aparece no currículo em uma disciplina, Economia Política, expressando um momento da história dos estudos das ciências econômicas no Brasil, em que essa disciplina ainda não se havia autonomizado do campo de ensino comercial” (De Paula, 2016, p.80-81)

A situação muda quando a reforma, projetada em 1944, refunda a faculdade em 1945. A novidade é a presença de industriais, banqueiros, comerciantes e políticos que fornecem as bases materiais para o avanço na modernização da instituição.

Em 8 de março de 1945 reuniu-se a congregação, que decidiu o diretor e vice-diretor, Emílio Guimarães e Rodolpho de Abreu Bhering, respectivamente. Como dito, a faculdade foi refundada, ocorreram mudanças nos âmbitos administrativos, financeiros e institucionais. Graças ao apoio dos já citados setores da sociedade civil, foi possível ampliar o aporte de recursos financeiros, para se ter uma ideia, para o período de março de 1946 a fevereiro de 1947, o orçamento da faculdade estabeleceu uma previsão de receita de 100 mil cruzeiros, já para o período de março de 1947 a fevereiro de 1948, o orçamento da instituição passou para 850 mil cruzeiros, isto é, um orçamento mais de 8 vezes maior. Cabe destacar que, a obtenção desses recursos não se deu de forma automática, pelo contrário, exigiu esforço dos interventores federais que ocuparam o Governo de Minas Gerais entre a queda da ditadura Vargas e a eleição do governador Milton Campos, são eles, João Tavares Correia Beraldo, Júlia Ferreira de Carvalho e Noraldino Lima, ambos foram homenageados com o título de Beneméritos da Faculdade de Ciências

Econômicas. Em 20 de fevereiro de 1946, o professor Emílio Guimarães Moura, renuncia ao seu mandato por assumir função no Governo do Estado de Minas Gerais, sendo Yvon Magalhães Pinto eleito para substituí-lo no cargo. Para De Paula (2016, pg. 86), “Todos esses significativos aportes de recursos implicaram mudança de patamar no projeto da faculdade. De instituição acanhada e precária, a faculdade vai, sob a liderança de seu diretor, Yvon Leite de Magalhães Pinto, alçar largos voos.” No que concerne às mudanças institucionais, destaca-se a federalização em 1949 e a criação, em 1948, do Instituto de Pesquisas Econômicas e Contábeis (IPEAD).

De 1949 a 1960, cabeceada pela direção do professor Yvon, a faculdade deu passos grandes, em termos materiais e acadêmicos. Começando pela construção do prédio próprio, que foi aprovado em 1951 e finalizado em 1952, localizado à Rua Curitiba, n. 832, o prédio contou com uma área de cerca 12 mil metros quadrados, para se ter uma ideia do avanço, a área da faculdade antiga era de 404 metros quadrados. (De Paula, 2016, pg. 91) No mesmo ano também ocorre a separação dos cursos de Ciências Contábeis e Ciências Atuariais e a criação da *Revista da Faculdade de Ciências Econômicas*, que foi fundamental para a divulgação e incentivo à pesquisa, além de inovadora, por contemplar diferentes áreas de ensino e pesquisa da faculdade, nas palavras de De Paula:

“Ressalta-se o caráter efetivamente inovador da revista, refletido na amplitude do que foi publicado, contemplando as diversas áreas de ensino e pesquisa da faculdade, com qualidade e atualização teórica e metodológica. Revista de uma instituição cada vez mais interdisciplinar, ela publicou artigos de estatística, geografia econômica, direito, sociologia, política, economia, história econômica, ciências contábeis, ciências atuariais, administração pública e de empresas” (De Paula, 2016, pg. 91)

Outros eventos importantes cabem ser citados, em março de 1951, ocorreu a regulamentação do Corpo de Professor Assistentes de Ensino, que constitui elemento importante na formação do corpo docente, à medida em que exigia explicitamente dedicação em tempo integral. Em agosto de 1952, criou-se dois novos cursos, Administração Pública e Sociologia Política. O Diretório Acadêmico, que participou de modo ativo do movimento estudantil, tanto por reivindicações específicas da vida à universidade quanto do debate das grandes questões nacionais, sendo criado em 1953. Em novembro de 1954, foi criado o curso de Administração de Empresas e Sistema de Bolsas, este último idealizado por Yvon, foi fundamental para o avanço qualitativo da faculdade, pois permitia que jovens alunos com vocação acadêmica se dedicassem exclusivamente à pesquisa e ensino, o que melhorou a qualificação dos profissionais formados e inspirou a posterior

criação do Programa Especial de Treinamento (PET). A importância e êxito do programa é muito bem explicitada por De Paula, ao dizer que:

“O Sistema de Bolsas de Estudos foi uma iniciativa do professor Yvon Leite de Magalhães Pinto que, junto com a constituição do Corpo de Assistentes de Ensino, vai contribuir, decisivamente, para a consolidação da excelência do ensino e pesquisa na FACE. Criar condições para manutenção, em tempo integral, de estudantes vocacionados para os magistério e para a pesquisa era, àquela época, e ainda hoje, iniciativa que demonstra descortino e lucidez. Os alunos bolsistas que a FACE formou deram, e estão dando, contribuição relevante para a própria faculdade, uma vez que vários deles foram docentes, outros foram para a administração pública e privada e outras instituições de ensino e pesquisa” (De Paula, 2016, p. 96)

A faculdade, considerada aqui no sentido amplo, isto é, seus professores, seus alunos, sua pesquisa etc. esteve fortemente engajada nas lutas políticas dos anos 50 e 60. Nessa época, era ardente o debate sobre “projeto de nação” a ser seguido, havia a ala Varguista, que acreditava no desenvolvimentismo nacional, a ala cabeceada por Eugênio Gudín, que via nos imperativos do livre mercado a prosperidade da nação brasileira, a visão do capitalismo associado (nacional e estrangeiro), representada por J.K e materializada no Plano de Metas, o movimento das reformas de base, que vai dar o tom do governo João Goulart. Foram anos também de intensificação da luta trabalhista, na cidade, com a greve geral de 1953, no campo, com a criação das Ligas Camponesas em 1955. Destaca-se também a participação do movimento estudantil, que foi sujeito importante nas grandes lutas sociais e políticas da época, e que se organizou a partir da União Nacional dos Estudantes (UNE). O movimento estudantil mineiro destaca-se. Vinícius José Nogueira Caldeira Brant, aluno da FACE, bolsista do curso de Sociologia e Política, foi presidente da UNE à época do governo João Goulart, época em que o movimento estudantil cumpriu papel importante na luta política pelas reformas de base. A localização do prédio também contribui para essa pujaça política, que era vizinho do politizado Sindicato dos Bancários, da Delegacia Regional do Trabalho e da Justiça do trabalho, locais de manifestações políticas frequentes. De Paula reforça o protagonismo do movimento estudantil à época, dizendo que:

“(…) aqueles anos, 1950-64, tempos de protagonismo do movimento estudantil, seja no específico da luta pela reforma universitária, seja pela participação nas lutas gerais nacionais, seja ainda na busca de alianças política orgânicas com outros movimentos, como se vê no programa da Diretoria do DCE da UFMG, gestão 1959-60, presidido pelo aluno da FACE José Nilo

Tavares, que, no número 2 da revista do DCE, *Mosaico*, defendia a organização de uma aliança operária-estudantil, com vistas à transformação social brasileira.”(De Paula, 2016,p. 105)

É nesse contexto de protagonismo do movimento estudantil e luta política do DA que, em 5 de agosto de 1960, é organizada uma greve geral dos estudantes, contra o então diretor da faculdade, o professor Yvon, as motivações questionavam a gestão da universidade, ultra centralizada, em que o poder decisório estava em posse apenas dos docentes, portanto, uma gestão verticalizada. Tal greve teve repercussões dentro e fora da faculdade, e desembocou na renúncia do então diretor no dia 22 de Agosto. Este episódio, apesar de dramático para a história da instituição, pela renúncia de um dos seus principais nomes (como já mostrado), mostrou a importância e protagonismo da luta política do DA, que foi capaz de organizar uma greve geral de grande monta e com efeitos significativos, evidenciando a importância histórica do DA como agente político.

Como se mostrou, com os anseios pelas reformas de base para dar continuidade ao processo de desenvolvimento nacional, intensificou-se a mobilização político na faculdade, nomes importantes do movimento estudantil nacional foram alunos da FACE, lideranças da Ação Popular, como Vinícius Caldeira Brant e Herbert José de Souza; lideranças do POLOP, como Theotônio dos Santos Júnior, Vânia Bambirra, José Nilo Tavares e Juarez Guimarães de Brito; lideranças do Partido Comunista brasileiro (PCB), como Ivan de Otero Ribeiro; lideranças do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), como João Batista Franco Drummond, assassinado no período militar, dá nome ao atual Diretório Acadêmico. Não obstante, os tempos eram de politização, apesar da maioria dos docentes e discentes serem de esquerda, uma parte considerável destes compunha a ala direitista, que apoiava o golpe militar. (De Paula, 2016, p. 112)

Nas palavras de De Paula (2016, p. 112-113), “Falar de faculdade, em qualquer de suas fases, é também falar de política, em sentido amplo e nos específicos das questões universitárias.” Entretanto, nem só de política viveu a faculdade naqueles anos, as expressões culturais também foram pujantes. Destaca-se o teatro organizado pelos alunos, no âmbito da música, um fato significativo foi que o Diretório Acadêmico da FACE patrocinou a primeira música gravada por Milton Nascimento, “Barulho do trem”. Ademais, criou-se, por iniciativa do DA, o cineclub, em 1962, que se tornou um dos principais espaços de exibição e discussão cinematográfica de Belo Horizonte, e que foi contribui, também, para a formação de grandes cineastas.

A FACE sofreu múltiplas opressões e silenciamentos durante o período militar, segundo De Paula:

“Na Face, a ditadura militar provocou imediatas e sérias consequências: professor e pesquisadores foram afastados, um número da *Revista Brasileira de Ciências Sociais* foi impedido de circular, houve intervenção no Diretório Acadêmico. A Diretoria interventora, expressando imediato adesismo, decidiu, em reunião de 30 de abril de 1964, “enviar telegrama de apoio ao Presidente Castelo Branco”.”(De Paula, 2016, p. 119)

Outro golpe sofrido pela universidade foi a transferência do curso de Sociologia e Política para a FAFICH, que foi motivado pelo argumento de que tal curso gerava agitação contra o governo. Um outro evento marcante foram as eleições convocadas pelo então presidente do Diretório Acadêmico, João Batista Franco Drumond, durante a apuração das eleições, que foi considerada ilegal pela congregação, houve ataque às urnas por parte dos estudantes de direita, que foram inocentados pelo ato e os membros do Diretório punidos, em uma decisão claramente viesada (De Paula, 2016, p.121).

O ano de 1968 foi de intensa luta política estudantil em todo o mundo, no Brasil em particular, esse ano é marcado pela luta contra a ditadura militar. Entretanto, tal movimento não se restringe aos estudantes, os operários brasileiros ressurgem na cena política com as greves de Contagem e Osasco . Em 13 de dezembro, em resposta a essas agitações, o governo instituiu o AI-5, que, como se sabe, representou um dos maiores mecanismo de repressão sistêmica da história da sociedade brasileira, um exemplo dessa repressão na FACE foi a suspensão, por parte da Congregação, do Diretório Acadêmico por 120 dias, como punição pela ocupação do restaurante universitário. Cabe destacar que, entre os alunos que compuseram o movimento estudantil da FACE, estava a então estudante de economia Dilma Rousseff, que participou da criação dos Comandos de Libertação Nacional (COLINA), organização armada contra a ditadura. Destaca-se também que, a agitação política do final dos anos 60 extrapola o território brasileiro, à medida em que, no período, foram travadas lutas pelo socialismo emancipatório no Chile, com a experiência da Unidade Popular e Primavera de Praga, onde hoje em dia é a República Tcheca. Foi um momento também de luta anti-imperialista e anti colonial, com as experiências de libertação da Angola, Cabo Verde, Moçambique e Guiné-Bissau e a derrota estadunidense no Vietnã. (De Paula, 2016, p. 122)

Após 1968, no plano político, no final dos anos 1970, professores e alunos engajaram-se na construção da organização política Democracia Socialista (DS) de matriz socialista anti stalinista. Foi marcante também a participação de professores e alunos nas greves e contra a ditadura militar, que desembocou na criação da APUBH, em 1977, como entidade de luta política dos professores do ensino superior de Belo Horizonte. (De Paula, 2016, p.126)

No plano acadêmico, a FACE expandiu e consolidou seus programas de pós-graduação. Foi criado, em 1972, o curso de mestrado em Administração (CMA). Em 1974, foi criada a área de concentração em demografia do Cedeplar, com a posterior criação do Departamento de Demografia e o programa de Pós-Graduação em Demografia. Foi criado, nos anos 2000, o programa de doutorado em economia, no mesmo ano, o departamento de Ciências Contábeis lançou o programa de mestrado. Além da expansão dos programas de pós-graduação, também ocorreu a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), lançado pelo governo federal em 2007, fez com que se criassem os cursos de Controladoria e Finanças e Relações Econômicas Internacionais. No que tange à estrutura física, em 2008 a faculdade transferiu-se para seu novo prédio no campus Pampulha, que recebeu o novo do ilustre professor Yvon.

Essa breve reconstituição do passado da Faculdade de Ciências Econômicas serve para dar luz ao presente da instituição. Mostrou-se, além da história da faculdade, a importância da mobilização política da faculdade, no geral, e do Diretório Acadêmico, em particular, tanto para a garantia do direito do estudante, quanto na luta por questões nacionais. A luta política do DA so mostra fundamental nos dias de hoje, assim como foi no passado, a ascensão da extrema direita, que tem como marcos o golpe parlamentar de 2016, e ascensão de Bolsonaro em 2018, tem suas consequências persistentes na atualidade, sendo fundamental a construção política por parte do D.A ao combate à extrema direita. Ademais, o DA tem papel fundamental na reorganização dos estudantes após dois anos de pandemia, que engendraram graves consequências, principalmente a dissipação dos estudantes. Nesse sentido, o D.A a partir de 2022 teve papel fundamental na reocupação do espaço físico da universidade à medida em que se esforçou de maneira árdua, organizando eventos de confraternização e se mantendo ativo nas redes sociais a fim de reintegrar os estudantes da FACE pós pandemia.

Referências

DE PAULA, João Antônio. **FACE/UFMG, BDMG e Cedeplar: instituições do planejamento e desenvolvimento de Minas Gerais**. *Nova Economia*, v. 26, n. 3, p. 1075-1095, 2016. 4°

